

MITOLOGIA E PSIQUE: PERPECTIVAS JUNGUIANAS¹

Fabricio da Silva Bilheiro²

Paulo Ferreira Bonffati³

RESUMO:

Ao longo de seu desenvolvimento, a psicologia tem se dedicado à compreensão das complexidades da psique humana, explorando desde os aspectos mais conscientes até as profundezas do inconsciente. Dentro desse vasto campo, a relação entre mitologia e padrões de comportamento emerge como uma fascinante fonte de estudo. Observa-se que as manifestações e os transtornos psíquicos muitas vezes revelam a presença do inconsciente coletivo, uma noção proposta pelo psiquiatra suíço Carl Gustav Jung. Este estudo explora a relevância da mitologia para a psicologia, considerando-a uma expressão fundamental para a compreensão dos arquétipos que emergem na psique coletiva. Adotando uma abordagem exploratória e qualitativa, a presente pesquisa utiliza uma revisão narrativa da literatura, concentrando-se em casos clínicos da Dra. Nise da Silveira e interpretações da Psicologia Analítica de Jung. Assim, pretende-se destacar a influência das narrativas mitológicas nos contextos psicopatológicos, enriquecendo a compreensão desses fenômenos complexos.

Palavras-chave: Psicologia. Jung. Psicologia Analítica. Mitologia.

MYTHS AND PSYCHE: AN ANALYSIS OF JUNGIAN ANALYTICAL PSYCHOLOGY AND THE PRACTICE OF NISE DA SILVEIRA

ABSTRACT:

Throughout its development, psychology has been dedicated to understanding the complexities of the human mind, exploring from the most conscious aspects to the depths of the unconscious. Within this vast field, the relationship between mythology and behavior patterns emerges as a fascinating object of study. It is observed that mental disorders often reveal the presence of the collective unconscious, a notion proposed by the Swiss psychiatrist Carl Gustav Jung. This study explores the relevance of mythology to psychology, considering it a fundamental expression for understanding the archetypes that emerge in the collective psyche. Adopting an exploratory and qualitative approach, the research uses a narrative literature review, focusing on clinical cases by Dr. Nise da

¹ Artigo de trabalho de conclusão de curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia, na Linha de Pesquisa Práticas Clínicas Recebido em 04/06/2024 e aprovado, após reformulações, em 26/06/2024.

² Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: fabriciobilheiro@hotmail.com

³ Doutor em Psicologia Clínica pela PUC-Rio, professor do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: paulobonfatti@hotmail.com

Silveira and interpretations of Jung's Analytical Psychology. Thus, it aims to highlight the influence of mythological narratives in psychopathological contexts, enriching the understanding of these complex phenomena.

Keywords: Psychology. Jung. Analytical Psychology. Mythology.

1 INTRODUÇÃO

A psicologia, ao longo de sua evolução, tem se dedicado à compreensão das complexidades da psique humana, explorando desde os aspectos conscientes até as profundezas do inconsciente. Dentro desse vasto campo, a relação entre mitologia e psique emerge como um fascinante objeto de estudo, revelando conexões profundas entre as narrativas mitológicas e, dentro do escopo deste trabalho, os transtornos mentais (Jung, 2013d).

Ao considerar a psicopatologia, observa-se que os transtornos mentais muitas vezes revelam, através de manifestações dos arquétipos, que seriam possibilidades psiquicamente herdadas de representações semelhantes, a presença do inconsciente coletivo - uma noção fundamental proposta por Carl Gustav Jung (Jung, 2013d). Jung postulou que o inconsciente coletivo é um substrato psíquico coletivo composto por arquétipos que se manifestam por imagens arquetípicas e símbolos que são compartilhados por toda a humanidade (Jung, 2016). Nesse contexto coletivo, a mitologia destaca-se como um terreno fértil para a expressão dessas imagens arquetípicas e símbolos, permitindo a análise da interação entre a psique individual e esse reservatório psíquico comum (Campbell, 2007).

Nesse sentido, o presente estudo busca explorar a relevância da mitologia para a psicologia, considerando-a como uma expressão fundamental para o entendimento dos impulsos arcaicos que emergem no âmbito da psique (Jung, 2013d). Fundamentando-se na ideia de que o inconsciente coletivo desempenha um papel significativo na compreensão dos distúrbios mentais, a investigação visa lançar luz sobre como as narrativas mitológicas podem ser instrumentos valiosos para a compreensão da psique individual e da prática psicoterápica (Silveira, 2015).

Para atingir esses objetivos, a pesquisa adotará uma abordagem exploratória e qualitativa, utilizando uma revisão narrativa da literatura como

metodologia principal. A análise se concentrará especialmente em casos clínicos de Nise da Silveira, relatos de pacientes e interpretações da psicologia analítica de Carl Gustav Jung. Dessa forma, pretende-se lançar luz sobre a presença e a influência das narrativas mitológicas nos contextos psicopatológicos, destacando elementos característicos da abordagem junguiana que enriqueceram a compreensão desses fenômenos complexos (Jung, 2016).

2 MITOLOGIA E PSICOLOGIA

A integração da mitologia em um sistema conceitual psicológico destaca a relevância dos mitos clássicos, mostrando que eles não estão confinados ao passado ou apenas aos estudiosos de grego e latim. Pelo contrário, os mitos têm uma presença marcante nos sintomas, fantasias e estruturas conceituais humanas, conferindo vitalidade e credibilidade aos conceitos como inconsciente coletivo, complexos e arquétipos. Assim, o trabalho de Jung enfatiza um princípio fundamental da psicologia: a inter-relação entre mitologia e psicologia (Hillman, 2013).

De acordo com Campbell (2007), os mitos eram utilizados para explicar e dar sentido às experiências humanas e às forças naturais, personificadas em deuses e heróis. Essas narrativas ofereciam uma estrutura interpretativa para entender a condição humana, as emoções e os eventos inexplicáveis da vida. Por exemplo, mitos como o de Édipo ou Narciso não apenas narravam histórias, mas também refletiam profundas verdades psicológicas sobre o desejo, a identidade e o destino. Segundo Spaccaquerche (2023), os contos e mitos não são meras explicações reducionistas, mas símbolos que promovem a integração psíquica e não devem ser esgotados de seus significados. Além disso, os mitos ajudavam a preservar a memória coletiva e a coesão social, aspectos que também merecem reconhecimento.

Na Modernidade, a psicologia assumiu um papel semelhante ao da mitologia antiga, servindo como um sistema de significados que auxilia na exploração e compreensão da mente humana. Hillman (2013) argumenta que a psicologia pode ser considerada uma forma de mitologia moderna. Isso não implica que a psicologia seja ficção ou fantasia, mas sim que ela, assim como a

mitologia antiga, cria um conjunto de narrativas e símbolos que ajudam a dar sentido às experiências psíquicas. No entanto, é importante notar que a psicologia moderna utiliza métodos científicos, como estudos empíricos, experimentos e observações clínicas, para desenvolver suas teorias e conceitos. De acordo com Bonaventure (2021), os sistemas religiosos e mitológicos podem ser considerados formulações irracionais e simbólicas das experiências psicológicas primordiais da humanidade. Hoje, a psicologia oferece teorias e conceitos, como o inconsciente coletivo de Jung, os complexos, os arquétipos e os instintos de Freud, que funcionam de maneira semelhante aos mitos antigos, ajudando a estruturar a compreensão da psique. Neumann (2022) também argumenta que os mitos são projeções do inconsciente coletivo e representam eventos transpessoais, oferecendo uma interpretação mais profunda das experiências humanas. Dessa forma, pode-se dizer que, enquanto a mitologia oferecia aos antigos um conjunto de histórias e símbolos para entender a vida e a mente, a psicologia moderna oferece um conjunto de teorias e conceitos com propósitos similares. Ambas, mitologia e psicologia, são formas de explorar e explicar a condição humana, cada uma à sua maneira, refletindo as necessidades e conhecimentos de suas respectivas épocas (Hillman, 2013). No entanto, esta análise prioriza os aspectos psíquicos, reconhecendo que a mitologia também desempenha funções sociais e culturais significativas.

Além disso, Kast (2023) observa que a tradução dos mitos para a linguagem contemporânea também se manifesta nas histórias em quadrinhos da atualidade. Segundo a autora, os mitos antigos são novamente difundidos para um amplo público por meio da mídia popular, como as animações dos estúdios da Disney, que utilizam material mítico, como o mito de Amor e Psique retratado na versão do conto de fadas "A Bela e a Fera". Ademais, os atos heroicos de Hércules encontram eco nos atos dos heróis de faroeste, e os mitos heroicos continuam a ressoar em personagens icônicos como o Super-Homem, entre outros exemplos.

Kast (2023) observa que adaptar mitos para obras literárias contemporâneas tem se tornado mais comum nos últimos anos, especialmente na Europa e nos Estados Unidos. Segundo a autora, são principalmente os artistas que modernizam essas antigas imagens e histórias, dando-lhes novos

significados. Esses artistas frequentemente se inspiram em sonhos e experiências pessoais para criar suas obras. Isso permite que símbolos antigos apareçam em contextos modernos, ajudando a entender melhor os arquétipos universais estudados na psicologia analítica.

Mesmo com um referencial distinto da Psicologia Analítica, Sigmund Freud (2014), fundador da psicanálise, enfatizou a importância do estudo da mitologia para a formação analítica. Ele introduziu o conceito do “complexo de Édipo” (Freud, 2014, p. 165), inspirado na trágica peça grega de Sófocles (2018). Na obra de Sófocles, Édipo, rei de Tebas, descobre que matou seu pai biológico, Laio, e casou-se com sua mãe, Jocasta, sem saber de seu parentesco. A revelação desta verdade leva Jocasta ao suicídio e Édipo a cegar-se e exilar-se de Tebas (Freud, 2019). Homero também contribui para a compreensão dessa narrativa com uma passagem que revela a tragédia de Édipo de forma poética e atemporal:

Vislumbrei Epicasta⁴ esposa inadvertida do próprio filho: Édipo. Cumpriu um feito descomunal, casando com o matador do próprio pai; os deuses presto descortinam. Reinava entre os cadmeus, sofrendo embora, em Tebas multiaprazível, por desígnio dos divinos; e ela desceu ao Hades, guardião duríssimo, depois de alçar a corda à cumeeira alta, presa da pena: ao filho lega dor infinda, que Erínias maternais não deixam que esmaeçam (Homero, 2011. p. 333 – 335).

A importância do estudo da mitologia na formação analítica é multifacetada. Em primeiro lugar, os mitos oferecem uma rica fonte de símbolos e narrativas que refletem as dinâmicas do inconsciente. Freud utilizou o mito de Édipo para ilustrar a complexidade dos desejos inconscientes e dos conflitos familiares, destacando como esses temas arquetípicos ainda ressoam na psique humana contemporânea (Freud, 2019). Os mitos, assim, funcionam como um espelho das profundezas da mente, permitindo que os analistas compreendam melhor os padrões de comportamento e os conflitos emocionais de seus pacientes (Jung, 2013b).

Além disso, os mitos proporcionam um contexto cultural e histórico que enriquece a compreensão dos fenômenos psicológicos. Ao estudar mitos de

⁴ Epicasta é outro nome de Jocasta, usado por Homero (Brandão, 2014).

diferentes culturas, os analistas podem reconhecer padrões universais e variações culturais que influenciam a expressão dos arquétipos e dos complexos (Jung, 2013d). Essa perspectiva comparativa é crucial para evitar uma visão etnocêntrica da psique humana e para apreciar a diversidade das experiências psicológicas. Freud também reconheceu que os mitos oferecem uma linguagem simbólica poderosa que pode ser usada para interpretar os sonhos e as fantasias dos pacientes. A familiaridade com os mitos permite que os analistas decodifiquem essas imagens simbólicas, facilitando o acesso aos conteúdos inconscientes (Freud, 2012).

O estudo da mitologia, portanto, vai além do conhecimento teórico, sendo uma ferramenta prática que enriquece o trabalho clínico e a interpretação dos processos inconscientes. Em suma, a importância do estudo da mitologia para a psicanálise e para a psicologia analítica reside na sua capacidade de iluminar as estruturas profundas da psique humana, fornecendo uma ponte entre o consciente e o inconsciente, e oferecendo uma rica tapeçaria de símbolos e narrativas que ajudam a dar sentido às experiências humanas (Jung, 2013g).

Além de Freud trazer a mitologia numa perspectiva de possibilidade dialogal e analítica da psique, ele também apresenta o conceito de "herança arcaica," que possui aproximações com uma perspectiva psíquica coletiva.

Acerca do conceito de herança arcaica, Freud, em sua obra **Totem e Tabu** (Freud, 2012), refere-se à transmissão do legado psíquico totêmico ao longo das gerações. Em **Moisés e o Monoteísmo** (Freud, 2018), aprofunda essa ideia, sugerindo que essa herança não se limita apenas a predisposições, mas abrange também conteúdos e memórias que remontam às experiências de ancestrais. Freud argumenta que essa herança é transmitida por meio de comunicações inconscientes, independentemente de comunicação direta ou educação formal (Freud, 2012). Portanto, a herança arcaica da humanidade não só inclui predisposições, mas também conteúdos e memórias transmitidas ao longo das gerações. Segundo Eiguer (1998), as heranças arcaicas representam uma memória ancestral que remonta às experiências de gerações passadas, proporcionando vivências constitutivas comuns. Essas experiências só podem ser internalizadas devido à sua ligação com as gerações anteriores. Esse reconhecimento sugere a presença de elementos inatos de origem filogenética,

ou seja, características herdadas ao longo da evolução da espécie humana, que estão ativos na vida psíquica do indivíduo. No entanto, é importante mencionar que essa interpretação não é consensual na leitura psicanalítica, sendo considerada uma hipótese. Além dos conteúdos pessoalmente vivenciados, essa herança resulta em uma predisposição tanto para o pensamento quanto para os instintos (Freud, 2018).

Em 1912, Jung começou a desenvolver sua abordagem distinta da psicanálise, que mais tarde ficou conhecida como psicologia analítica, em seu livro **Símbolos da Transformação** (Jung, 2013f). Neste trabalho, ele propôs ideias que divergiam do conceito de libido freudiano, da trama edípica e da noção de elementos coletivos na psique, diferenciando-se da concepção de Freud sobre herança arcaica. Jung sugeriu que temas oníricos e míticos são expressões da psique coletiva. Isso marcou um afastamento definitivo em relação às ideias de Sigmund Freud (Stein, 2016).

Cumprido apontar que a publicação desse livro foi a causa final da ruptura entre ambos, um processo que já estava em desenvolvimento e sendo sinalizado bem antes de Jung se encontrar com Freud (Stein, 2016). Nesse sentido, podemos observar uma passagem de Jung (2013e) criticando textualmente Freud em 1906 no prefácio de seu livro *A Psicologia da Demência Praecox: um ensaio*:

Se admito, por exemplo, os mecanismos complexos dos sonhos e da histeria, não significa, de forma alguma, que atribuo ao trauma sexual da juventude uma significação exclusiva, como Freud parece fazer; muito menos que eu coloque a sexualidade em primeiro plano, acima de tudo, ou lhe confira universalidade psicológica que, como parece, é postulada por Freud, pela impressão do papel poderoso que a sexualidade desempenha na psique (Jung, 2013e. p. 12).

Jung considerou os nove anos que passou no Burghölzli como seus “anos de aprendizagem” (2013d, p. 127). Inicialmente, com pouco conhecimento em psiquiatria, ele rapidamente expandiu seu entendimento, enfrentando a “tortura de não compreender” com determinação. Ele descobriu que as curas podiam ser consteladas pelo médico, mas concretizadas pelo inconsciente do paciente (Hannah, 2022).

No Burghölzli, Jung explorou o inconsciente pessoal, assim como Freud e Adler fizeram em seus respectivos contextos, mas suspeitava que existiam

profundidades ainda desconhecidas na psique humana. Foi ao estudar mitologia e explorar seu próprio inconsciente que Jung concebeu o inconsciente coletivo como um fato empírico. Ele observava diariamente nas fantasias de seus pacientes imagens arquetípicas que possuíam ligações com mitos antigos (Hannah, 2022).

Dessa forma, a mitologia desempenhou um papel crucial nesse processo, pois Jung acreditava que os mitos articulavam e expressavam arquétipos, revelando aspectos profundos da psique humana. Diferentemente de seus contemporâneos, Jung viu sentido nessas fantasias e mitos, que referendavam o postulado do inconsciente coletivo. Essa percepção fundamentou sua teoria de que as imagens arquetípicas, presentes nos mitos, eram expressões universais da psique humana (Hannah, 2022).

Jung (2016) faz comparações que aprofundam a compreensão da tendência humana em criar imagens de caráter arquetípico, enfatizando o papel crucial dos sonhos neste processo. Sua pesquisa destaca a presença de imagens e associações em sonhos que ressoam ideias, mitos e rituais ancestrais, estabelecendo uma correlação com o conceito de herança arcaica proposto posteriormente por Freud como descrito acima. Essa perspectiva ressalta a persistência desses traços psíquicos ao longo das eras na psique humana.

Brandão (2015a) destaca que, embora Jung reconheça certa influência de Freud, ele já apresenta uma visão distinta, especialmente em relação ao Complexo de Édipo, que se concentra no trauma infantil e na predominância da sexualidade. Diferentemente da teoria freudiana, que foca predominantemente no arquétipo de Édipo, Jung desenvolve uma teoria mais ampla, considerando uma variedade de influências mitológicas que se manifestam na psique como padrões universais inatos ao pensamento e comportamento, presentes no inconsciente coletivo.

Jung (2016) define o arquétipo como a inclinação para formar representações recorrentes de um tema, mantendo sua configuração essencial, embora possam variar em detalhes. Críticas frequentemente feitas aos contemporâneos de Jung interpretaram seu conceito como representações herdadas, o que levou à rejeição da ideia do arquétipo. No entanto, esses críticos

não levaram em consideração que, se os arquétipos fossem representações originadas na nossa consciência (ou adquiridas por ela), haveria compreensão plena de seu significado, ao invés de causar surpresa quanto ao seu surgimento. Portanto, o arquétipo é, de fato, uma tendência instintiva, comparável ao impulso das aves para construir seus ninhos ou ao instinto das formigas para se organizarem em colônias. Para Jung (2013b), o arquétipo não se trata de ideias ou imagens psíquicas herdadas, e sim de uma predisposição inata para a criação de fantasias paralelas, de estruturas semelhantes e universais da psique.

Hogenson (2020) observa que muitos críticos de Jung não percebem que a teoria da herança arcaica de Freud pode possuir aproximações à de Jung (Jung, 2016). No entanto, é importante notar que a ênfase de Freud está nas experiências de gerações anteriores e nas memórias transmitidas ao longo do tempo. Enquanto Freud atribui um caráter genético à libido, considerando-a um instinto direcionável para diferentes canais, incluindo o sexual, Jung vê a libido como uma manifestação da energia psíquica, da qual todos os instintos, inclusive o sexual, se originam (Mullahy, 1978). Para Jung (2013f), a origem da libido está na energia vital geral da psique, que impulsiona não apenas os desejos sexuais, mas também outras formas de expressão humana, como a criatividade, o desenvolvimento espiritual e as atividades culturais. Essa visão mais abrangente permite que a libido seja entendida como uma força dinâmica e transformadora presente em todos os aspectos da vida psíquica.

Sobre a relação com os sonhos, Jung (2012) cita Nietzsche, que foi um dos primeiros filósofos a escrever sobre “ideias reminiscentes” presentes nos sonhos. Segundo Jung (2012), durante o sono e nos sonhos, as pessoas revivem o pensamento da humanidade ao longo do tempo. Jung afirma que, da mesma forma como raciocinamos em nossos sonhos, nossos ancestrais também raciocinaram em estados de vigília há milhares de anos. Nietzsche (2005) argumenta que sonhar nos permite retroceder a estados anteriores da cultura humana, ajudando-nos a compreendê-la melhor. Freud (2019), reconhecendo a precisão das observações de Nietzsche (2005), sugere que a análise dos sonhos pode revelar a herança arcaica do ser humano e os elementos inatos de nossa psique.

No livro **Símbolos da Transformação** (2013f), Jung faz referência a Nietzsche, especialmente a sua obra **Humano, Demasiado Humano** (2005), ao discutir a aplicação da lei biogenética na Psicologia. Jung argumenta que tanto o pensamento infantil quanto os sonhos refletem o pensamento antigo. Ele investiga a presença de mitos nos sonhos, sugerindo que estes surgem independentemente do contato prévio do indivíduo com **os** mitos específicos. Nesse contexto, Jung elabora sua tese sobre a origem interna do mito (Shamdasani, 2005).

Complementando essa ideia, Jung (2013b), ao postular a concepção de arquétipo, que é comum a todos os seres humanos, oferece uma chave de compreensão para a recorrência de temas semelhantes em contos de fadas, mitos, dogmas e rituais religiosos, manifestações artísticas, filosofia e expressões do inconsciente de forma geral. Este conceito de arquétipo está intimamente ligado à ideia de Inconsciente coletivo, reforçando a visão de Jung (2016) sobre a persistência desses traços psíquicos universais na psique humana.

O termo "inconsciente coletivo", amplamente explorado na obra de Jung (2013g), refere-se a um substrato psíquico compartilhado por todos os seres humanos. Trata-se de uma dimensão da psique que transcende as experiências individuais, constituída por referências mitológicas, motivos e imagens que têm o potencial de emergir em qualquer contexto ou período histórico, independentemente de tradições culturais específicas ou migrações históricas. Esses conteúdos não têm origem nas experiências pessoais de cada indivíduo, mas sim em uma predisposição psíquica inata que molda nosso funcionamento psíquico. Assim, o inconsciente coletivo representa uma parte essencial da psique humana, contendo elementos universais e intemporais compartilhados por toda a humanidade.

Jung teve indícios da dimensão mitológica que abarca a psique humana durante seu período psiquiátrico no Hospital Burghölzli, onde ele observou que pacientes esquizofrênicos frequentemente apresentavam elementos míticos em suas produções delirantes (Boechat, 2024). Esses mitologemas eram recorrentes e chamaram sua atenção. O caso clínico bem conhecido do "paciente do falo solar" no Burghölzli exemplifica essa conexão entre delírios

floridos ricos em imagens mitológicas e religiosas (Boechat, 2024). Em uma entrevista para a TV BBC de Londres, Jung relatou o caso de um de seus pacientes:

[..] chamou-me, agarrou-me pela lapela e levando-me até uma janela disse: "Doutor! Agora! Agora pode ver. Olhe para ele! Olhe para o sol e veja como ele se mexe. O senhor também deve mexer a cabeça assim, e então verá o falo do sol, e o senhor sabe, essa é a origem do vento. O senhor está vendo como o sol se movimenta quando a gente mexe a cabeça de um lado para outro (Mcguire; Hull, 1982, p. 380).

Jung (2013f) relata que o paciente era um pequeno comerciante com escolaridade não superior ao curso secundário. Ele cresceu em Zurique. No entanto, Jung não conseguia imaginar de onde o paciente teria tirado a imagem do falo solar, do movimento de vaivém da cabeça e da origem do vento. Além disso, mesmo ele com uma certa cultura geral, não tinha conhecimento sobre o significado e a relação entre essas ideias na época da primeira observação.

Quatro anos mais tarde, Jung encontrou manuscritos gregos que descreviam visões de adeptos de Mitra, onde ele notou a imagem de um tubo suspenso no disco solar, influenciado pelos ventos predominantes e capaz de mudar de direção (Silveira, 2023). Para Jung, foi significativo observar que um paciente, sem familiaridade prévia com o mito e com uma cultura geral limitada, apresentava espontaneamente essas imagens. Esse fato contribuiu para que ele desenvolvesse sua teoria do inconsciente coletivo e dos arquétipos (Boechat, 2020).

Embora Jung não considerasse esse achado como prova definitiva, ele viu nele um indício significativo da ideia do inconsciente coletivo que estava desenvolvendo. A analogia entre os elementos mitológicos presentes na estrutura delirante do paciente do "falo solar" e a oração mitraica decorre do fato de que o inconsciente opera de maneira diferente do pensamento consciente. Enquanto o pensamento consciente segue a lógica racional, o inconsciente trabalha com analogias, metáforas e símbolos. Elementos como o sol, o falo e o vento são símbolos masculinos associados à fertilização, origem da vida e poder. Essas associações emergem tanto na mitopoese dos delírios quanto nas orações ritualísticas de religiões pré-cristãs (Mcguire; Hull, 1982).

Ao considerar o delírio de seu paciente, observamos que os transtornos mentais muitas vezes podem, através de delírios e alucinações, revelar a perspectiva do inconsciente coletivo proposta por Jung (2013d). Nesse contexto, a mitologia, em particular, destaca-se como um terreno fértil para a expressão e a análise dessa interação entre a psique individual e o reservatório comum de imagens arquetípicas compartilhadas por toda a humanidade (Jung, 2013d).

No decorrer da análise, a pesquisa constata a noção de que o mito atua como um intermediário crucial entre o inconsciente e o consciente. Reconhece-se que o inconsciente abriga um conhecimento mais abrangente que o consciente, embora essa compreensão seja frequentemente caracterizada por uma essência peculiar desvinculada do presente e incompatível com a linguagem intelectual (Jung, 2013d). Essa concepção é respaldada por Erich Neumann (2022), que, ao explorar os elementos estruturais do inconsciente coletivo, identifica os arquétipos como formas pictóricas dos instintos, sendo reveladas à mente consciente por meio de imagens presentes nos sonhos e fantasias. Neumann ressalta que esses arquétipos mantêm entre si uma relação orgânica, determinando o crescimento da consciência tanto no desenvolvimento individual quanto no coletivo. Para ele, a mitologia é composta por uma série desses arquétipos, cuja sucessão por estágios influencia diretamente a evolução da consciência. Assim, a investigação psicológica não apenas explora os estágios evolutivos da consciência, mas também busca compreender os fenômenos patológicos à luz desses estágios, visando à síntese da personalidade e ao desenvolvimento ulterior da consciência (Neumann, 2022). Todavia, quando ocorre um rebaixamento do nível da consciência é que as imagens e informações do inconsciente se expandem por meio de associações, permitindo que uma espécie de conhecimento do inconsciente chegue no domínio da compreensão, proporcionando uma nova perspectiva (Jung, 2013d).

Mas na medida em que o mito nada mais é do que uma projeção do inconsciente – e de modo algum uma invenção consciente, passamos a compreender não só o fato de que em toda parte deparamos os mesmos motivos mitológicos, como também o de que o mito representa típicos fenômenos psíquicos (Jung, 2013a, p. 50).

Segundo Nise da Silveira (2023), para Jung, o estudo dos mitos vai além das concepções dos especialistas modernos, adicionando dimensões mais profundas. Os mitos são fenômenos psíquicos que revelam a natureza intrínseca da psique humana, surgindo da tendência do inconsciente de projetar suas ocorrências internas sobre o mundo exterior, traduzindo-as em imagens. Assim, a experiência de observar o amanhecer e o entardecer transcende a mera contemplação visual; ela reflete um fenômeno psíquico, simbolizando o percurso de uma entidade ou herói mítico cuja essência reside profundamente na psique humana.

Silveira (2015) relata que, em uma conversa com Jung, ela pediu orientação sobre como melhor conduzir seus pacientes no hospital psiquiátrico. Jung sugeriu que ela estudasse mitologia, explicando que os mitos são expressões originais da estrutura fundamental da psique. Ele ressaltou a importância de incorporar o estudo dessas narrativas como uma disciplina essencial para a prática da psicologia.

Ao seguir a sugestão de Jung, Nise da Silveira se dedicou aos estudos de mitologia e formas arquetípicas presentes nas manifestações psíquicas através de técnicas expressivas dos esquizofrênicos. Ela encontrou uma compreensão para diversos fenômenos relacionados ao mundo interior dos pacientes. Utilizando-se do referencial junguiano, especialmente do conceito de inconsciente coletivo, ela descobriu um caminho para compreender o mundo psíquico interno dos transtornos e manifestações do esquizofrênico. As formas circulares ou mandalas expressas foram, por exemplo, compreendidas como manifestações psíquicas inconscientes, que ajudavam a superar a desordem, compreender e a acompanhar a evolução da doença. Além disso, a identificação feita por Jung de personagens típicos nas produções inconscientes, como a sombra, o velho sábio, a criança e o jovem herói, também forneceram chaves para interpretar as pinturas e desenhos dos esquizofrênicos. Essas ferramentas analíticas provenientes da psicologia junguiana contribuem para apreender a natureza das perturbações psíquicas e situá-las no contexto da psique humana. Em outras palavras, as manifestações esquizofrênicas, via conceitos de inconsciente coletivo, arquétipos e suas manifestações através da mitologia, passam a ser vistas não como algo sem sentido, mas como um esforço da psique

fragilizada para superar conflitos profundos e recuperar a possibilidade de sua relação com o mundo (Gullar, 2024).

3 DOIS ESTUDOS DE CASOS: ADELINA GOMES E CARLOS PERTUIS

Nise da Silveira mergulhou profundamente no universo arquetípico por meio das expressões míticas para compreender melhor os pacientes esquizofrênicos. A seguir, serão apresentados dois casos clínicos emblemáticos: Adelina Gomes (1916-1984) e Carlos Pertuis (1910-1977).

Adelina era uma jovem que, devido à sua timidez e submissão à autoridade materna, teve sua vida amorosa interrompida pela resistência de sua mãe, refletindo as dificuldades enfrentadas por mulheres em contextos opressivos. Ela foi diagnosticada com esquizofrenia e internada após um episódio de excitação psicomotora no qual estrangulou sua gata de estimação. Apesar de receber tratamento, incluindo convulsoterapia e insulino-terapia, sua condição se deteriorou, apresentando sintomas como autismo e agressividade. Em 1946, Adelina começou a frequentar o ateliê de pintura do hospital psiquiátrico Pedro II, coordenado por Nise da Silveira. Ao longo dessa experiência no ateliê, observou-se que as pinturas de Adelina eram reflexos de sua tentativa de expressar os instintos femininos reprimidos (Silveira, 2015).

Silveira (2015) depreendeu que Adelina seguia arquetipicamente um caminho semelhante ao mito de Dafne, a ninfa grega perseguida por Apolo e transformada em uma árvore de loureiro. Assim como Dafne, Adelina enfrenta desafios de reconciliação e luta com suas identidades femininas.

Adelina, ao criar suas pinturas, frequentemente usava tons de rosa e lilás para expressar seu desejo de ser delicada e feminina. Em uma de suas sessões, ela entregou uma pintura à monitora do ateliê e sussurrou: "eu queria ser flor" (Silveira, 2015, p. 218). Este desejo de transformação e suavidade pode ser interpretado como uma manifestação de sua luta interna para reconciliar sua identidade feminina, refletida no mito de Dafne, a ninfa que se transforma em uma árvore para escapar de Apolo. Em outras obras, ela retrata um ramo lançado no espaço que dá origem a flores. Uma delas se transforma na cabeça

de uma mulher, enquanto a corola de uma grande flor revela a figura feminina emergindo com os braços erguidos (Silveira, 2015).

Refletindo dialogicamente a dinâmica psíquica de Adelina com a mitologia, tem-se a história de amor não correspondido entre Apolo e a ninfa Dafne. Eros, o deus do amor, instilou uma flecha de amor em Apolo, mas também atingiu Dafne com uma flecha que provocava repulsa e indiferença. Apesar da beleza de Apolo, Dafne não correspondeu aos seus sentimentos e fugiu para as montanhas. Apolo a perseguiu, e ao perceber que seria alcançada, Dafne implorou por proteção a seu pai, o deus-rio Peneu, para transformá-la. Atendendo ao seu pedido, Peneu a metamorfoseou em um loureiro (Brandão, 2015b).

Várias pinturas de Adelina revelam a surpreendente transformação da mulher em flor. Essas transformações profundas indicam rupturas ontológicas e abrem caminho para outras dimensões da natureza. Na esquizofrenia, observa-se que o ego fica fragilizado, levando à dissociação dos componentes que o constituem e à perda dos limites do indivíduo (Silveira, 2015).

Em algumas mitologias, como na dos Tupinambá, as pessoas são magicamente transformadas em animais, plantas etc. Fenômeno que também ocorre na esquizofrenia, onde falta um ego capaz de lidar com as forças psíquicas. Esse processo revela uma estruturação da consciência, onde o indivíduo reconhece a existência de si mesmo e de algo que conecta essas duas realidades. Isso ajuda a proteger o ego contra a possibilidade de ser possuído ou transformado. Essa dinâmica indica um processo inicial de organização da consciência do ego e um gradual desenvolvimento da percepção de um centro psíquico organizador (Cunha, 2023).

Como visto, Jung (2013b) destaca que o inconsciente coletivo é composto por arquétipos, que são imagens ou formas inatas com um significado universal, provenientes da história da humanidade. Portanto, esses arquétipos são frequentemente observados em representações mitológicas e podem se manifestar em diversas condições psicológicas como, inclusive, na esquizofrenia apesar de não serem apenas circunscritos em perspectivas psicopatológicas.

Para Silveira (2015), o mito de Dafne serve como uma representação vívida da situação em que uma filha se identifica tão profundamente com a figura

materna que seus próprios instintos não conseguem florescer e se desenvolver adequadamente. Quando as relações entre mãe e filha ocorrem de maneira inadequada, podem resultar em uma variedade de desfechos. Em alguns casos, pode haver um aumento exagerado do instinto materno ou um desenvolvimento precoce dos impulsos eróticos (Silveira, 2015). Em outros casos, pode ocorrer uma atrofia das qualidades femininas mais específicas.

Segundo Jung (2014), quando não há uma exacerbação do Eros no complexo materno feminino, pode ocorrer uma identificação excessiva com a mãe, resultando no bloqueio da iniciativa feminina própria. Isso leva à projeção da personalidade da filha sobre a mãe, devido à falta de consciência de seu mundo instintivo materno e de seu Eros. Assim, tudo que remete à maternidade, responsabilidade, vínculo pessoal e necessidade erótica pode gerar sentimentos de inferioridade, levando as mulheres a se refugiarem na figura da mãe, vista como uma superpersonalidade inatingível (Jung 2014).

O processo de expressão psíquica através de técnicas expressivas de Adelina refletia seu estado psicológico. Em seu trabalho de modelagem, ela estabeleceu uma relação complexa com o arquétipo mãe, confrontando tanto o aspecto devorador quanto o aspecto amoroso habilmente unidos na figura indiana de Kali⁵.

Na mitologia de Hécate também se pode observar ressonâncias significativas com a dinâmica psíquica de Adelina. Hécate, segundo Neumann (2021), é uma deusa associada à magia, às encruzilhadas e aos rituais noturnos, é particularmente rica em simbolismo sendo vista como uma figura tricéfala, representando transições e transformações, além de possuir conexões profundas com o submundo e a capacidade de abrir caminhos. Essa deusa detém as chaves do submundo e do renascimento, simbolizando tanto o poder destrutivo quanto a capacidade de regeneração.

Na produção artística de Adelina Gomes, essas características de Hécate são evocadas de maneira significativa. Em determinado momento da experiência com técnicas expressivas, Adelina retratou a mais terrível de todas

⁵ Kali é uma deusa de opostos. Ela é tanto a criadora quanto a destruidora, tanto a mãe amorosa quanto a guerreira feroz. Ela é o medo e a esperança, a morte e a vida. E é nessa tensão de opostos que reside o verdadeiro poder de Kali (Zimmer, 2021).

as personagens que a assediavam psiquicamente: uma gigantesca mulher com cabeça de cão. Esse desenho inicial, feito a lápis e posteriormente pintado em vermelho, situava essa figura num ponto de cruzamento de caminhos entre um homem e uma mulher de tamanhos muito menores. Esta imagem simboliza diretamente Hécate, a deusa do mundo subterrâneo e das encruzilhadas, associada a cães infernais que a acompanham em suas excursões noturnas (Silveira, 2015).

Adelina, ao dar forma a essa figura com cabeça de cão, conseguiu aos poucos despotencializar a força, o rigor e a possessividade das grandes matriarcas que a assombravam. No íntimo contato de criar uma imagem com as próprias mãos, Adelina foi descobrindo o outro lado das deusas mães, seu aspecto compassivo e amoroso. Essa dualidade é central na figura mítica de Hécate, que abrange tanto os aspectos devoradores quanto os aspectos benéficos do arquétipo materno (Silveira, 2015).

Além das esculturas, Adelina também expressou essa dualidade em suas pinturas. Uma das obras mostra uma mulher com cabeça de cão situada num ponto de cruzamento, com duas bolas ao lado, simbolizando a união e a ruptura dos opostos, aspectos centrais na imagem arquetípica da mãe e em Hécate, a deusa das encruzilhadas (Silveira, 2015).

A relação de Hécate com o cão é complexa. Segundo Jung (2013f), Hécate, assim como Anúbis, é frequentemente representada com cabeça de cão e recebia sacrifícios de cães para afastar a peste. Ela está associada à Lua e desempenha um papel importante nos rituais de transformação e regeneração, sendo vista como uma figura central em rituais de transição, que marcam momentos significativos de mudança e passagem na vida e na natureza.

Portanto, as produções de Adelina Gomes, especialmente aquelas que expressam as Deusas Mães como Kali e Hécate, não só refletem seu estado psicológico, mas também uma profunda interação com o arquétipo da grande mãe. Essas obras ilustram a luta interna de Adelina para integrar os aspectos devoradores e compassivos da mãe, simbolizados pelas multifacetadas deusas Hécate e Kali, demonstrando a arte como um veículo de expressão e a transformação psicológica de Adelina.

Outro estudo de caso emblemático de Nise da Silveira, em que se pode observar a perspectiva arquetípica via expressões míticas, para compreensão de dinâmicas psíquicas fragilizadas, encontra-se no relato sobre Carlos Pertuis (Silveira, 2015).

Carlos Pertuis, nascido no Rio de Janeiro em 1910, enfrentou uma série de conflitos pessoais que, ao longo do tempo, fragilizaram sua psique já sensível. Um ponto de virada ocorreu em setembro de 1939, quando, após uma manhã iluminada por raios de sol refletidos em um espelho, ele teve uma visão cósmica que chamou de “planetário de Deus”. Esta experiência arquetípica foi tão intensa que fragmentou seu ego, dissociando seus pensamentos e sua linguagem da realidade externa, resultando em sua internação no Hospital da Praia Vermelha (Silveira, 2015). Em setembro de 1939, aos 29 anos, depois de uma manhã em que raios de sol iluminaram um pequeno espelho em seu quarto, ele teve uma visão cósmica que ele chamou de "planetário de Deus", deixando-o impactado e extremamente excitado psiquicamente. O contato com essa visão, uma imagem arquetípica, fez com que o frágil ego de Carlos se fragmentasse, os pensamentos e a linguagem se dissociaram e a realidade externa perdeu o sentido pragmático comum para os homens, levando-o a ser internado pelos familiares no antigo Hospital da Praia Vermelha. Essa experiência marcou o início de uma jornada transformadora para Carlos (Silveira, 2015).

Buscando compreender essa experiência arquetípica direta e imediata, Silveira (2015) estabelece um paralelo entre Carlos Pertuis e a passagem do mito de Sêmele. Sêmele é uma princesa mortal, mãe de Dioniso, que pede a Zeus, o rei dos deuses na mitologia grega, para se revelar em sua forma divina. No entanto, quando Zeus concede seu pedido e se manifesta em toda a sua glória, a intensidade da aparição é tão grande que Sêmele, uma mortal, é consumida pelo brilho divino e acaba morrendo. Dessa forma, Silveira adverte que, quando uma pessoa tem uma experiência direta ou imediata com o arquétipo da divindade, isso pode ser tão avassalador que seu ego, a parte consciente da psique, corre o risco de se desintegrar. Em outras palavras, o encontro com o divino pode ser tão poderoso que pode abalar profundamente a estrutura da pessoa, causando uma ruptura na sua identidade e no seu senso de si mesma.

Se todos os objetos do mundo físico possuem, em grau maior ou menor, sua parcela de mana, certas pessoas privilegiadas e sobretudo algumas divindades o detêm em grau superlativo. Conhecedores da força de seu mana, os deuses apareciam aos homens em sonhos ou mais normalmente em forma hierofânica, disfarçando-se de todas as maneiras. Sêmele, a mãe de Dioniso, caiu fulminada e pereceu carbonizada, porque fez que seu amante, Zeus, preso por um juramento, se lhe apresentasse em forma epifânica, isto é, em toda sua majestade de deus dos raios e dos trovões (Brandão, 2015b, p. 65).

O oposto ocorre com Arjuna, um personagem do épico hindu "Bhagavad Gita", que passou por um intenso encontro espiritual com o próprio deus Vishnu, que assume a forma de Krishna. Silveira (2015) sugere que seria necessário ter uma psique mais estruturada para suportar um encontro tão poderoso e transcendente. Arjuna, que havia sido treinado na prática da ioga por Vishnu, possuía as condições necessárias para suportar essa experiência máxima sem ser consumido por ela. "Nesse momento, Arjuna pôde ver na forma universal do Senhor as expansões ilimitadas do universo situadas num só lugar, embora divididas em muitos milhares" (Prabhupada, 2017, p. 398).

Após anos de sua visão do "Planetário de Deus", Carlos sentiu uma forte necessidade interna de representá-la em papel, mesmo sendo um sapateiro sem experiência em pintura. Na época, ainda Nise da Silveira não tinha conhecimento sobre sua visão inicial, uma vez que essa informação foi omitida na data da sua internação (Silveira, 2015).

De acordo com Nise da Silveira (2015), é descrito um desenho elaborado por Carlos no qual ele representa uma flor dourada no centro, simbolizando o sol e a divindade. A partir desse centro, há quatro filamentos vermelhos longos e quatro grandes pétalas direcionadas em sentidos opostos entre dez pequenas pétalas ao redor da imagem. Abaixo da flor, duas serpentes negras se cruzam, representando a escuridão e o mal. Essa representação é considerada uma mandala impressionante, que simboliza a organização do cosmos. Diante dessa expressão espontânea de Carlos, Silveira (2015) assevera que a mandala não é apenas uma expressão de forças organizadoras em momentos de crise psicológica, mas também marca as etapas evolutivas do processo de individuação.

Carlos passou a expressar constante interesse pelo sol e sua luz. Ele demonstrava preocupação com trabalhos relacionados à luz solar. Nise da Silveira questiona: “O sol terá nas imagens de Carlos a significação de símbolo do consciente?” (Silveira, 2015, p. 311). Tratando-se de um esquizofrênico, suas obras indicam uma busca pela luz do consciente, mesmo que por meio de formas incomuns de expressão, como delírios e cisões psíquicas.

Silveira (2015) relaciona também as representações do universo psíquico de Carlos com elementos da mitologia egípcia em que há uma representação da conexão entre o self e o ego através do simbolismo do deus-sol Ra. Ra é visto como uma imagem de Deus e como um guerreiro que protege a luz da consciência, representando o ego ideal. Durante o dia, Ra viaja pelos céus em seu barco, trazendo vida, luz e calor, enquanto à noite atravessa o mundo subterrâneo em outro barco. Nesse período noturno, ele enfrenta perigos como a serpente Apep, que tenta impedir seu retorno ao horizonte, simbolizando a escuridão primordial da qual o sol surgiu. Embora Ra consiga vencer Apep, essa batalha é constante, marcando o ciclo diário de renascimento do sol (Silveira, 2015).

À noite, o deus Ra – o Sol – viaja de oeste para leste através do Tuat⁶, onde enfrenta temíveis demônios e seu maior inimigo, a serpente Apep⁷, a qual sempre mata, mas que renasce para voltar a combater o deus à noite (Blanc, 2021, p. 90).

Jung (2013c) busca estabelecer uma associação entre o sol e o conceito de self. O sol é descrito como um símbolo do self, que representa o centro organizador da psique e da totalidade psíquica de um indivíduo. Jung observa que em muitas culturas, o self é uma representação de Deus enquanto manifestação psíquica e não como realidade metafísica ou, pelo menos, não pode ser distinguido dessa imagem, destacando ainda a relação entre o self e a divindade. Portanto, essa associação é uma inclinação à individuação. Jung, em

⁶ O Tuat é o submundo na mitologia egípcia. É uma vasta região sob a Terra, ligada às águas do abismo primordial. Tuat é o reino do deus Osíris e é habitado pelas almas dos mortos, além de outros deuses e seres sobrenaturais (Shaw, 2021).

⁷ Apep, uma cobra monstruosa de 63 metros de comprimento, é a personificação da desordem e do caos. Ela ataca o deus do sol e incita a rebelião. Para garantir o nascer do sol, os seguidores do deus Ra tiveram que repelir Apep de sua “barca solar” (Shaw, 2022, p. 37).

Memórias, Sonhos e Reflexões (2013d, p. 253), relata o encontro que teve com um chefe dos índios Pueblos: “É preciso lembrar que somos um povo que permanece no teto do mundo; somos os filhos de nosso Pai o Sol e, graças à nossa religião, ajudamos diariamente nosso Pai a atravessar o céu.”

Nise da Silveira (2015) ilustra essa conexão com uma pintura de Carlos, em que ele ilustra uma grande figura coroada que carrega o sol em suas costas, de onde partem muitos raios, simbolizando a ligação entre o sol e a vida. Carlos também ilustra o aspecto sombrio do Sol em uma pintura de “[...] uma mulher negra curvada diante do sol. O autor disse [Carlos Pertuis]: 'O sol representa o demônio e um vulto de mulher está tentando o sol'” (Silveira, 2015, p. 320). Elementos como um sol aterrorizante tornam-se presentes em suas produções (Silveira, 2015).

Importante notar que, arquetípica e mitologicamente, na tradição clássica, cada divindade possui a capacidade de realizar tanto ações benéficas quanto maléficas. Os deuses gregos frequentemente exibem características humanas, como mesquinhez, egoísmo, ciúme, ira e uma propensão à conspiração. Eles estão prontos para conceder bênçãos à humanidade em momentos de necessidade, mas também estão igualmente dispostos a causar destruição. Isso ilustra a complexidade e a natureza imprevisível dos deuses, que podem ser tanto uma fonte de benefícios quanto de prejuízos para a humanidade (Sanford, 1988). Apolo, o deus-sol, por exemplo, é conhecido por seu esplendor e beleza. Além de trazer a cura, também pode enviar a peste. Ele possui um papel ambivalente, sendo Apolo dos Lobos capaz de causar tanto a morte quanto a cura (Kerényi, 2015).

Na tradição cristã, a visão das divindades difere significativamente. O Deus cristão é geralmente visto como uma entidade benevolente, onipotente e imutável, cuja natureza é inteiramente boa e justa. A ambivalência encontrada nas divindades clássicas não se aplica da mesma forma. No cristianismo, a existência do mal é frequentemente explicada através da figura de Satanás ou do pecado humano, e não como um aspecto inerente à divindade suprema. Segundo Barrett (2020), a impassibilidade de Deus, que significa que Ele não sofre nem é sujeito a mudanças emocionais, assegura a sua perfeição e constância. Essa distinção ressalta as diferenças fundamentais na percepção da

divindade entre as tradições clássica e cristã, e como cada tradição entende a relação entre o divino e as ações humanas.

Carlos morreu em março de 1977 e pouco antes de sua morte suas pinturas passaram a girar em torno do tema mítico do sol. Além disso, ele as trabalhava sempre de pé e de forma intensa, como se houvesse um diálogo intenso entre o pintor e as imagens que ele estava criando (Silveira, 2015).

Pode-se observar, através do diálogo compreensivo entre as expressões artísticas de Carlos Pertuis, especialmente aquelas relacionadas ao sol, uma busca pela luz do consciente e uma profunda conexão com os mitos e arquétipos que permeiam a psique humana. Sua jornada psíquica e artística ilustra a complexidade da relação entre o ego e o self, bem como a luta contínua para integrar os aspectos luminosos e sombrios da existência (Silveira, 2015).

Assim, acredita-se que trazendo esses emblemáticos casos descritos por Nise da Silveira pode-se compreender a interrelação entre mitologia e psicologia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, procurou-se examinar a interconexão entre mitologia e psicologia analítica, fundamentada nas teorias de Carl Gustav Jung e aplicada na prática clínica de Nise da Silveira. A análise dos casos de Adelina Gomes e Carlos Pertuis revelou como os mitos gregos, especificamente os de Dafne e do Deus Sol, emergem como metáforas vivas na psique dos pacientes, refletindo as dinâmicas inconscientes e os processos de individuação.

A pesquisa destacou a importância da mitologia na compreensão dos fenômenos psíquicos, alinhando-se com a visão de Jung de que os mitos são elaborações do inconsciente coletivo e desempenham um papel crucial na estruturação da psique humana. Diferente da visão de que os mitos são criações ingênuas, cultural e intelectualmente limitadas, as narrativas mitológicas, quando integradas à prática terapêutica, oferecem um caminho compreensivo para acessar e interpretar os conteúdos profundos do inconsciente, facilitando o processo de cura e autoconhecimento.

A abordagem de Nise da Silveira ao utilizar técnicas expressivas como meio de manifestação dos conteúdos inconscientes exemplifica como a

CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 6, n. 11, p.179-204, jul./dez. 2024 – ISSN 2674-9483

psicologia analítica pode ser aplicada na clínica. Suas observações sobre as metamorfoses vegetais e animais nas obras de Adelina Gomes, assim como a relação entre o sol e o ego nas pinturas de Carlos Pertuis, reforçam a relevância do universo arquetípico expresso nas mitologias na compreensão das dinâmicas psíquicas, sejam patológicas ou não.

Os resultados desta pesquisa apontam para uma compreensão mais profunda da importância da mitologia para a psicologia, ampliando o conhecimento sobre os arquétipos e contribuindo significativamente para a prática clínica. Além disso, a interdisciplinaridade do estudo ressalta sua relevância para áreas como filosofia, antropologia e literatura, enriquecendo o diálogo entre diferentes campos do saber com a psicologia.

Este estudo reafirma a perspectiva de Jung sobre a ligação intrínseca entre psicologia e mitologia. Ao explorar os casos clínicos de Adelina Gomes e Carlos Pertuis, evidenciou-se que os mitos fornecem um mapa simbólico crucial para a compreensão e tratamento das dinâmicas inconscientes. A integração da mitologia na prática terapêutica não só facilita o acesso aos conteúdos profundos do inconsciente, mas também enriquece o processo de cura e autoconhecimento, oferecendo insights valiosos para a prática clínica e para a psicologia enquanto ciência. Através da análise dos casos clínicos de Nise da Silveira, evidencia-se que os mitos são fundamentais na estruturação e expressão das dinâmicas inconscientes, fornecendo um mapa simbólico para a jornada de individuação e transformação.

REFERÊNCIAS

BARRETT, M. **The Immutability and Impassibility of God**. The Gospel Coalition, 2020. Disponível em: <https://www.thegospelcoalition.org/essay/immutability-impassibility-god/>. Acesso em: 15 jun. 2024.

BLANC, C. O. **O grande livro da mitologia egípcia**. 4. ed. Barueri: Camelot, 2021.

BOECHAT, W. **A mitopoese da psique: mito e individuação**. Petrópolis: Vozes, 2020.

- BOECHAT, W. Mito e inconsciente. In: **Um semeador no campo das humanidades: Junito Brandão e seu legado na mitologia**. Petrópolis: Vozes, 2024. p. 149-167.
- BONAVENTURE, L. **Miscellanea: escritos diversos**. São Paulo: Paulus, 2021.
- BRANDÃO, J. S. **Dicionário mítico-etimológico**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- BRANDÃO, J. S. **Mitologia grega**. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2015a. v. 3.
- BRANDÃO, J. S. **Mitologia grega**. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2015b. v. 2. p. 65.
- CAMPBELL, J. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix, 2007.
- CUNHA, I. **Mito cosmogônico tupinambá à luz da psicologia analítica junguiana**. São Paulo: Paulus, 2023.
- EIGUER, Alberto. **A transmissão do psiquismo entre gerações: enfoque em terapia familiar psicanalítica**. São Paulo: Unimarco Editora, 1998.
- FREUD, S. **A interpretação dos sonhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. v. 4.
- FREUD, S. **Futuro de uma ilusão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. v. 17. p. 165.
- FREUD, S. **Moisés e o monoteísmo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. v. 19.
- FREUD, S. **Totem e tabu**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. v. 11.
- GULLAR, F. **Nise da Silveira**. São Paulo: Paidós. 2024.
- HANNAH, B. **Jung, vida e obra: uma memória biográfica**. Petrópolis: Vozes, 2022.
- HILLMAN, J. **O sonho e o mundo das trevas**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- HOGENSON, G. Arquétipos: A emergência e a estrutura profunda da psique. In: CAMBRAY, J.; CARTER, L. **Psicologia analítica: perspectivas contemporâneas em análise junguiana**. ed. 11. Petrópolis: Vozes, 2020. p. 72 - 73.
- HOLLIS, J. **Mitologemas: encarnações do mundo invisível**. São Paulo: Paulus, 2005.

HOMERO. **Odisseia: edição bilingue**. São Paulo: Editora 34, 2011. p. 333-335.

JUNG, C. G. Chegando ao inconsciente. In: JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2016. p. 15-133.

JUNG, C. G. **A energia psíquica**. Petrópolis: Vozes, 2013a. v. 8/1. p. 50.

JUNG, C. G. **A natureza da psique**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2013b.

JUNG, C. G. **Aion**. ed. 10. Petrópolis: Vozes, 2013c. v. 9/2.

JUNG, C. G. **Memórias, sonhos e reflexões**. Reunidas e editadas por Aniela Jaffé. 16. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013d. p. 253.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

JUNG, C. G. **Psicogênese das doenças mentais**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2013e. v. 3. p. 12.

JUNG, C. G. **Psicologia e religião ocidental e oriental**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. v. 11/1.

JUNG, C. G. **Símbolos da transformação**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013f. v. 5.

JUNG, C. G. **Tipos psicológicos**. Petrópolis: Vozes, 2013g. v. 6.

KAST, V. **Sonhos: a linguagem enigmática do inconsciente**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2023.

KERÉNYI, K. **Arquétipos da religião grega**. Petrópolis: Vozes, 2015.

MCGUIRE, W.; HULL, R. F. C. **Jung: entrevistas e encontros**. São Paulo: Cultrix, 1987. p. 380.

MULLAHY, P. **Édipo: mito e complexo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

NEUMANN, E. **A grande mãe: um estudo histórico sobre os arquétipos, os simbolismos e as manifestações femininas do inconsciente**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2021.

NEUMANN, E. **História das origens da consciência: uma jornada arquetípica, mítica e psicológica sobre o desenvolvimento da personalidade humana**. 2. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2022.

NIETZSCHE, F. **Humano, demasiado humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. v. 1.

PRABHUPADA, S. B. **Bhagavad-Gita: como ele é**. 7. ed. São Paulo: The Bhaktivedanta Book Trust, 2017.

SANFORD, John A. **Mal: o lado sombrio da realidade**. São Paulo: Paulus, 1988.

SHAMDASANI, S. **Jung e a construção da psicologia moderna: o sonho de uma ciência**. São Paulo: Ideias e Letras, 2005.

SHAW, G. J. **Os mitos egípcios: um guia aos antigos deuses e lendas**. Petrópolis: Vozes, 2022.

SILVEIRA, N. **Imagens do inconsciente**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

SILVEIRA, N. **Jung: vida e obra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

SÓFOCLES. **Édipo rei**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

SPACCAQUERCHE, M. E. **Histórias da vida e a vida nas estórias: contos de encantamento**. São Paulo: Paulus, 2023.

STEIN, M. **Jung: o mapa da alma**. São Paulo: Cultrix, 2016.

ZIMMER, H. **Mitos e símbolos na arte e civilização da Índia**. 2. ed. São Paulo: Palas Athena, 2021.